



Ester Miriane Zingano

Trabalho de Conclusão de Curso

REMINISCÊNCIAS,
processos artísticos, fotograma e
cianotipia no ensino da arte.

Porto Alegre,
2019

REMINISCÊNCIAS,

processos artísticos, fotograma e cianotipia no ensino da arte.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito à obtenção do grau de Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elaine Athayde Alves
Tedesco

Porto Alegre,

2019

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito necessário à obtenção do título de
Licenciada em Artes Visuais

Ester Miriane Zingano

Orientadora: Prof^a Dr^a Elaine Athayde Alves
Tedesco

Examinador: Prof Dr Celso Vitelli

Examinador: Prof Dr Cristian Peletti Mossi

Agradeço às pessoas, que de alguma forma, contribuíram para realização de mais essa etapa:

Aos colegas pelo companheirismo.

Aos professores: pelos ensinamentos.

Aos meus alunos: porque me ensinaram muito.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Elaine Tedesco, pela valiosa e incansável orientação.

Aos professores Prof. Dr Celso Vitelli e Prof. Dr Cristian Mossi, que foram de extrema importância nessa trajetória do ensinar e aprender.

E meu muito obrigada às amigas Fernanda Porto e Maria Martha Dalpiaz pelo apoio de sempre.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como cerne destacar as potencialidades da fotografia artesanal, no caso a cianotipia, nas práticas de estágio docente do curso de graduação de Licenciatura em Artes Visuais, realizado em 2019/2, ocorrido em duas escolas da rede pública de Porto Alegre. Abordo inicialmente o meu processo de criação e, após, relato os resultados da pesquisa em processos alternativos em fotografia, através das fotomontagens e fotogramas. Apresento um breve histórico do que dizem os teóricos e artistas que trabalharam com essas linguagens ao longo do tempo, bem como artistas contemporâneos que experenciam a técnica na sua poética, e ainda, artistas que trabalham com a *selfie* na contemporaneidade. Dentre os autores citados, que compõe esta pesquisa, se encontram: Dubois, Flusser, Foncuberta, Hernandez, Rangel, entre outros. Num segundo momento, exponho minha experiência como professora de graduação de Artes Visuais na Uniasselvi, faculdade EAD. E por fim, relato os conhecimentos adquiridos durante o estágio docente, onde, através da fotografia digital e artesanal se trabalhou o autorretrato como forma de refletir sobre o processo de constituição da imagem e se concretizando como aprendizado e aprimoramento do pensamento crítico sobre a fotografia e a autorrepresentação. Este trabalho foi composto então pelos diálogos entre analógico e digital, da teoria e da prática, dentro de um argumento maior de arte e educação.

Palavras-chave: Fotografia analógica e digital; Sefie; cianotipia; docência.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Ester Zingano - FRAGMENTOS GUARDADOS, 2001 | 13 |
| Figura 2 - Ester Zingano - Fragmentos de um Tempo, 2006 | 15 |
| Figura 3 - Ester Zingano - s/ título, 2018 | 16 |
| Figura 4 - Ester Zingano - s/Título 2006 | 16 |
| Figura 5 - William Fox Henry Talbot, 1840. | 17 |
| Figura 6 - László Moholy-Nagy, 1940. | 18 |
| Figura 7 - Man Ray, 1940. | 19 |
| Figura 8 - Ester Zingano, 2017 - Fotogramas..... | 21 |
| Figura 9 - Anna Atkins - "Dictyota dichotoma, (1849-50) | 24 |
| Figura 10 - Jeffrey Apoian - "Float", 2014. | 25 |
| Figura 11 - Wu Chi-Tsung - "Wrinkled Texture", 2015..... | 26 |
| Figura 12 - Renata Voss - Estudo para uma paisagem, 2014 | 27 |
| Figura 13 - Andrea Brächer - Sem título, série II -..... | 28 |
| Figura 14 - Ester Zingano, 2019 - s/Título..... | 29 |
| Figura 15 - Ester Zingano, 2019 - s/Título..... | 30 |
| Figura 16 - Ester Zingano, 2019 - s/Título..... | 30 |
| Figura 17 - Ester Zingano, 2019 - s/Título..... | 31 |
| Figura 18 - Robert Cornelius, 1839..... | 42 |
| Figura 19 - Albert Sauthworth-1848..... | 42 |
| Figura 20 - Tadao Cem "Black Balloon" (Lituânia), 2013 | 42 |
| Figura 21 - Saria Hamaamin - "Photomontage Portraits" (Reino Unido), 2013..... | 42 |
| Figura 22 - Obtenção dos retratos..... | 43 |
| Figura 23 - Obtenção dos retratos..... | 43 |
| Figura 24 - Obtenção dos retratos..... | 43 |
| Figura 25 - Obtenção dos retratos..... | 43 |
| Figura 26 - Retratos obtidos e distribuídos para criação do negativo. | 45 |
| Figura 27 - Criação dos negativos..... | 46 |
| Figura 28 - Criação dos negativos..... | 46 |
| Figura 29 - Exposição dos negativos ao sol..... | 47 |
| Figura 30 - Exposição dos negativos ao sol..... | 47 |
| Figura 31 - Retirada dos químicos | 48 |
| Figura 32 - Retirada dos químicos | 48 |
| Figura 33 - Resultado da cianotipia..... | 48 |
| Figura 34 - Resultado da cianotipia..... | 48 |
| Figura 35 - Exposição dos negativos ao sol..... | 49 |
| Figura 36 - Exposição dos negativos ao sol..... | 50 |
| Figura 37 - Resultado da cianotipia..... | 50 |

Sumário

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPITULO 1 | 11 |
| 1. 1 REMINISCÊNCIAS, ENTRELACAMENTOS DE TEMPO. | 12 |
| 1. 2 FOTOGRAMAS E A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA COMO PARTE DO PROCESSO. | 16 |
| 1. 3 CIANOTIPIA – PROCESSO EM EXPANSÃO..... | 22 |
| CAPITULO 2 | 32 |
| 2. 1 DOCENTE EU?..... | 33 |
| 2. 2 A FOTOGRAFIA EM SALA DE AULA E O <i>SELFIE</i> | 35 |
| 2. 3 AS INTERVENÇÕES NO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER..... | 40 |
| 2. 3. 1 <i>Ensino Médio</i> | 40 |
| 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 501 |
| REFERÊNCIAS | 54 |
| APÊNDICE | 58 |

INTRODUÇÃO

Atualmente, pode-se apurar que no campo da Arte, a mote da apropriação da fotografia constitui-se em um tema bem atual, pois o seu uso é muito recorrente nos procedimentos artísticos contemporâneos, seja como parte integrante dos trabalhos ou no lugar de documentar os processos de criação.

Assim, com relação ao primeiro, o campo artístico, a minha experiência com a fotografia se deu, em primeiro, com o uso desta (apropriações ou por meio de capturas do real com máquina digital) na minha poética visual, ou seja, como um recurso de construção de minhas pinturas, resultando na realização de uma pesquisa nessa área: *FRAGMENTOS GUARDADOS – Reflexões Pictóricas Sobre a Receptividade do Desconhecido* (desenvolvido no curso de Bacharel em Artes Visuais na FEEVALE, em 2001) e como linguagem em *FRAGMENTOS DE PASSAGENS – Um registro Fotográfico Sobre os Dispositivos do Corte* (desenvolvido no curso de Especialização em Poéticas Visuais na FEEVALE, em 2005).

Já, na área da Educação, tive o meu primeiro contato como docente no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Uniasselvi, no qual atuo como tutora há 9 anos. Lecionar para turmas de licenciandos me fez perceber o quanto faz falta uma formação na área da educação. Orientar os alunos em seus estágios, sem saber as autênticas realidades encontradas nas salas de aula das redes públicas, foi o que me fez retornar as salas de aula no curso de Licenciatura em Artes da UFRGS.

Se por um lado a escolha de um tema ligado à fotografia é justificada pela minha experiência na utilização da fotografia (com a prática fotográfica e suas conjecturas teóricas), por outro, é determinada pela inexistência de um predomínio de técnicas ou metodologias de ensino nas escolas públicas, deixando margem para a originalidade do professor em criar sua própria didática, muitas vezes sem nenhum conhecimento, em sua prática pedagógica.

A presença constante da fotografia ao alcance de todos pode ser apropriado às atividades escolares com propósitos de despontar intencionalidades, pensamentos e ideias dos alunos acerca de seus pensamentos e atitudes, condizentes ou não com aquilo de demonstram em seu cotidiano, bem como, material de grande valor no despertar criativo do educando, no fazer artístico e fonte de diálogos e discussões que fomentam o olhar crítico aos fatos e acontecimentos ligados a convivência social e escolar dos mesmos. Segundo Schaeffer (1996, p. 205)

A fotografia é uma arte "leiga" que emociona, encanta ou entristece, mas dessa emoção fugaz, dessa tristeza e desse encantamento leves, sutis e precários que surgem de um encontro breve e fortuito. Uma imagem onde há o que ver, mas nada - ou muito pouco - a dizer.

O uso da imagem em sala de aula - em questão, no momento, a fotografia - faz o aluno "pensar inteligentemente" acerca da criação e produção visual, entretanto, existe a necessidade de exercitar olhar para a "leitura e o julgamento das imagens" que o mundo cotidiano nos revela (BARBOSA, 2010, p. 35). Desta maneira, intenciona-se desconstruir o uso da imagem fotográfica, reconstruindo-o para o despertar criativo e o treino do olhar, educando o mesmo para observar muito além do que sua capacidade de apenas ver. Neste ínterim entra a originalidade, esta como reveladora de detalhes que passam despercebidos e transformadora do "simples" em arte, cada qual a seu modo, cada qual a seu tempo e a sua interpretação.

A escolha por trabalhar técnicas como a fotomontagem, o fotograma e a cianotipia, se deu por serem processos antigos, pouco conhecidos, onde se obtêm as imagens fotográficas sem o uso de câmeras. Esse processo: pensar na imagem a ser capturada, sensibilizar o papel, expô-lo ao sol, testar o tempo de exposição e lavar o papel, possibilita um diálogo entre materialidade, visualidade e composição, assim como um melhor entendimento acerca da construção de espaço e tempo possíveis.

Portanto, é no campo do ensino da arte que se insere o tema da pesquisa desenvolvido neste TCC em Artes Visuais, qual seja, "REMINISCÊNCIAS, processos artísticos, fotograma e cianotipia no ensino da arte".

Assim, esse trabalho visou averiguar o ensino da linguagem fotográfica em Artes Visuais, e teve por objetivo, investigar os diversos desdobramentos possíveis com o uso da fotografia, bem como as suas implicações pedagógicas, na mediação e construção de processos artísticos no ensino de Artes.



CAPITULO 1

CAPITULO 1

1.1 REMINISCÊNCIAS, entrelaçamentos de tempo.

Numa pequena trajetória; tudo começou com a necessidade de interagir com a obra, de poder manipular, mexer, intervir, ou simplesmente tocar, sempre foi importante pra mim, é como se, para que eu veja realmente a obra é preciso o toque, e aquele: “não toque nas obras”, me deixa um tanto contrariada.

Curiosidade? Creio que muita.

Partindo desse pressuposto, impossível pensar num trabalho, mesmo que minha linguagem primeira tenha sido a pintura, em que o espectador não pudesse participar dele ativamente. Assim a primeira pesquisa partiu com a vontade de provocar a curiosidade no espectador. Notei que as pessoas não se diziam curiosas com coisas materiais, mas o que diziam não condizia com suas ações.

Pensei em que objeto representaria esta intimidade velada? Cheguei assim aos armários e gavetas¹ (Figura 1), mas não como móveis comuns, queria algo diferente. Algo que evidenciasse essa intimidade e, ao mesmo tempo, que reforçasse esse lugar-esconderijo.

Procurei estabelecer com o espectador uma experiência de cumplicidade, onde sua ação de *abrir/fechar*, tornou-se essencial a essa troca. Dentro desses objetos/armários fragmentos do céu foram pintados/*guardados* nesses móveis de intimidade, que se descobrem somente ao serem abertos, fazendo com que ao observador fosse revelado um “mundo” em fragmentos, mas que também se mostrasse como enigmática presença.

E foi assim que em “FRAGMENTOS GUARDADOS – Reflexões Pictóricas Sobre a Receptividade do Desconhecido”, os objetos entraram pela primeira vez no meu fazer artístico. A pintura, apesar de presente, perdeu um pouco da importância até então dada.

¹ FRAGMENTOS GUARDADOS – Reflexões Pictóricas sobre a Receptividade do Desconhecido. Trabalho realizado na conclusão do curso de Artes Visuais em 2001. (FEEVALE)



Figura 1- Ester Zingano - FRAGMENTOS GUARDADOS, 2001
Fechado: 23,5 x 34 cm - Aberto: 48 x 34 cm

A imagem figurativa sempre foi muito presente, e parti para a linguagem fotográfica, experimentar outros meios tornou-se um desafio. Dentro dessa proposta, a procura por detalhes indiciais e referenciais é o que me motivaram na série de fotografias. E foi através do corte que construí uma estratégia para resgatar os moldes das imagens de ruínas dos estereótipos.

Em “FRAGMENTOS DE PASSAGENS - Um registro Fotográfico Sobre os Dispositivos do Corte”, realizado em 2005, fiz um jogo de estratégias combinatórias (Figura 2), onde haviam várias opções de montagem. E a escolha incidu somente sobre a minha vontade. Esses pedaços de espaços recortados testemunhavam um movimento à memória irrecuperável, lembranças de um tempo que não mais existe.

Esse conjunto de fotografias é composto de dezesseis pequenas caixas (20x20cm), das quais oito são pretas e oito brancas, já fazendo uma alusão à própria fotografia em preto e branco. Nas caixas, as fotografias foram dispostas na superfície e na profundidade, gerando certa tensão, um jogo de “ora dentro, ora fora”.

No enquadramento, na composição, há a existência singular do referente, onde a imagem aponta sem nada dizer, apenas que, como sugere Barthes: “*isso foi*” (1980, p.118). Elas deixam-se somente representar como acontecimento, pois são diálogos silenciosos com o exercício do olhar.

Ao retirar das ruínas, um a um, os fragmentos de “realidade”, construí minha representação de uma nova imagem, que não possui referência em realidade alguma, exceto a dela mesma. Todo esse processo fez parte de um jogo, um jogo de estratégia, onde a imagem fotográfica entrou como um elemento de rastro, invadindo a vida com recortes de passado. Como se fosse um monumento à memória irrecuperável, uma troca contínua de significações.

Organizei visões diferentes de fragmentações, uma troca contínua de significações, fazendo um diálogo com o olhar e os sentidos. Dessa forma, mesmo quando o olhar parecia indicar um percurso específico, os sentidos propunham um novo caminho, um novo jogo.

Como a vida real, mas num quadro previamente determinado, o jogo associa noções de totalidade, de regra, de liberdade. As diversas combinações do jogo são outros tantos modelos de vida real, pessoal e social. Tenta substituir uma certa ordem à anarquia das relações, faz passar do estado de natureza ao estado de cultura, do espontâneo ao deliberado. Mas debaixo do respeito às regras, o jogo deixa transparecer a espontaneidade a mais profunda, as reações mais pessoais às pressões externas. (CHEVALIER, 1998. p. 518)

Ao dispor as fotografias em caixas, construí uma narrativa com estratégias combinatórias, com várias formas de expor as mesmas. As imagens podiam ser postadas tanto na superfície quanto na profundidade das caixas, fazendo um jogo com o que está dentro e o que está fora.

Através da fotografia pode-se estabelecer vários diálogos. Ela cria uma relação de cumplicidade com o meio e os instrumentos usados ao ser capturada pelo fotógrafo. Usei a imagem numa tentativa de desafiar a compreensão e, também, sugerir leituras, ideias e até mesmo comportamentos.

O mais instigante propósito, porém, parece ter sido o de tentar captar e representar um aspecto do mundo exterior a partir da imagem capturada. E,

talvez, transformar a percepção e a consciência do espectador através das emoções que a imagem suscita.



Figura 2- Ester Zingano - Fragmentos de um Tempo, 2006
Fotografia em preto e branco - (16 x 20 x 20 cm)

Nesta pesquisa em fotografia, em que procurava que a imagem falasse por si, senti a necessidade de incluir a palavra, mas não qualquer palavra, e sim aquelas em que houvessem uma advertência², que indicava o que fazer, ou melhor, o que não fazer (Figuras 3 e 4). Ao capturar essas imagens, pensava em outro trabalho, que acabou por ficar em *stand by*.

²Ação de advertir, de chamar a atenção de alguém. Ato de reprimir; repreensão, admoestação: receber uma advertência Chamada de atenção ou punição dada por alguém hierarquicamente superior. (<https://www.dicio.com.br/advertencia/>> acesso em 19/05/2019)



Figura 3- s/ título, 2018
Fotografia digital
48 cm x 48 cm



Figura 4- s/Título 2006
Fotografia analógica
60 cm x 50 cm

Essa nova proposta parte de um exercício³ ocorrido durante o percurso acadêmico, onde busquei imagens de trabalhos anteriores para compor a série de fotomontagens e fotogramas que chamei de Reminiscências.

1.2 FOTOGRAMAS e a construção imagética como parte do processo.

O fascínio pelo processo analógico de fotografia, em especial o p&b, e nas várias possibilidades de exploração, fizeram com que, no resgate de imagens de trabalhos anteriores a possibilidade de expandir a imagem.

Então resgatei imagens de trabalhos antigos para que dialogassem com as advertências encontradas. Nessa ambivalência de técnicas é que construí a Série de fotogramas.

O fotograma, que num primeiro momento pode parecer algo muito simples, nos permite capturar o entrelaçamento de vários padrões de luz diretamente na superfície sensibilizada, sem a necessidade do uso de câmeras ou lentes.

Mas como pensar o fotograma na contemporaneidade, uma vez que ele se confunde com o início da fotografia. Os primeiros “desenhos fotogênicos” (Figura 5) feitos por Talbot nada mais eram do que fotogramas de objetos e plantas colocados sobre uma folha papel sensibilizada com cloreto de sódio e

³ A paixão pela fotografia e os processos manuais de ampliação e reprodução voltaram com muita intensidade quando em um semestre qualquer me deparo com duas cadeiras de fotografia, O laboratório de Foto I e Laboratório de Processos Fotográficos.

nitrato de prata. Ou seja, “[...] deitar sobre um papel emulsionado com substâncias sensíveis a luz algum objeto” (MONFORTE, 1997, p. 23).

Dubois complementa:

[...] o fotograma é uma imagem fotoquímica obtida sem câmera, por simples depósito de objetos opacos ou translúcidos diretamente no papel sensível que se expõe à luz e depois se revela normalmente. Resultado: uma composição de sombra e de luz puramente plástica, quase sem semelhança (muitas vezes é complicado identificar os objetos utilizados), onde conta apenas o princípio do depósito, do traço, da matéria luminosa. (2004, p. 50-51).

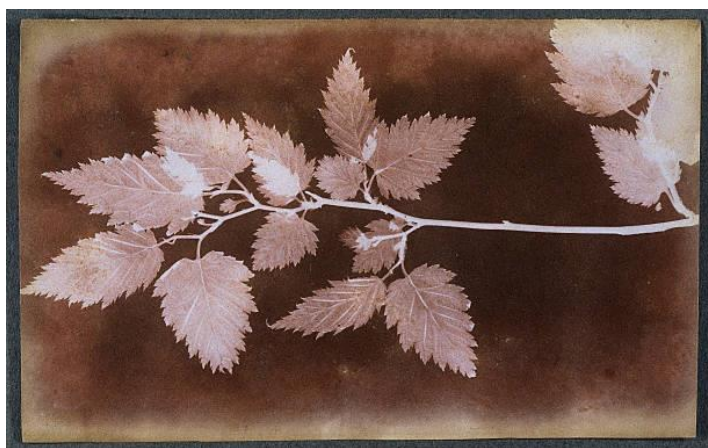


Figura 5- William Fox Henry Talbot, 1840.⁴

Muitos fotógrafos utilizam o fotograma como uma forma de expressão criativa, como por exemplo dois fotógrafos de grande importância na arte e estética moderna, Laszlo Maholy-Nagy (Figura 6) e Man Ray (Figura 7), que redescobriram o fotograma por acidente, quando uma folha de papel sensibilizado foi esquecida e exposta à luz.

A descoberta acidental se deu quando uma folha de papel fotográfico não exposta à luz foi esquecida às químicas de processamento. Ao se acender a luz, o papel foi lentamente escurecendo nas regiões expostas à luminosidade, enquanto permanecia mais claro nas áreas onde se projetavam as sombras de banheiras, pinças e vidros. A imagem formada foi o início de um vasto trabalho, em que ambos se empenharam em sérias pesquisas na exploração do potencial desse meio de expressão. (http://www.alfabetizacaovisual.com.br/wp-content/uploads/2014/10/cap_5.pdf)

⁴ Disponível em: <https://www.gettyimages.ae/detail/news-photo/photograph-by-william-henry-fox-talbot-talbot-was-a-news-photo/90755873> > acesso em 16/05/2019.



Figura 6- László Moholy-Nagy, 1940⁵.

Man Ray usava todo tipo de objetos tridimensionais, principalmente feitos de vidro; as sombras produzidas por eles, sua natureza translúcida, fazia com que fosse possível obter diferentes tonalidades de preto e branco. Afirmava ter sido privilegiado por sua carreira ter começado com a pintura, e dessa forma, sua investigação em fotografia se deu com a mesma abordagem, apesar de não ser proposital. Para ele “a expressão plástica é sempre fruto de uma experiência e tem suas origens mais remotas no subconsciente.” (ANDRADE, 2014, p. 92)

Nas suas *rayografias*⁶, tinha como objetivo dar uma nova aparência aos objetos, posicionando-os nas folhas de papel fotográfico transformando-os e os transportando a uma nova realidade. Aqui a fotografia não era apenas uma ferramenta de reprodução e documentação, mas também algo que podia surgir da inspiração do artista.

Ray representou a figura do artista multifacetado e vanguardista que procurou ultrapassar as fronteiras disciplinares e as tendências puristas da época, tentando ligar as várias formas artísticas com a mesma dignidade. Seu trabalho foi uma influência significativa para

⁵Disponível em: <https://www.artic.edu/artworks/29276/untitled> <Acesso em 16/05/2019.>

⁶ [...] deriva do nome de um de seus mais notáveis praticantes, o fotógrafo Man Ray. (MONFORTE, 1997, p. 24)

fotógrafos mais recentes usando técnicas multi-mídia. (ANDRADE, 2014, p. 94)



Figura 7- Man Ray, 1940.⁷

As *rayografias*, aos olhos das pessoas da época, passaram a ser vista com um valor artísticos semelhante à pintura.

Com László Moholy-Nagy, a luz e a matéria fotográfica como material artístico, passam a ser usados conscientemente. Pensava numa pintura da transparência, livre de representação, pintava com a luz e o movimento. Seus fotogramas eram registros sem mimetismos.

O fotograma é um registro realizado sem sistema óptico, uma marca luminosa sem mimético. É uma espécie de imagem natural, produzida somente pela luz, sem ação da mão nem da máquina. [...] é na camada fotossensível que residem nas capacidades artísticas da fotografia. (ROUILLE, 2009, p. 329)

A fotografia, a partir desse momento, é redefinida, e, assegura seu papel enquanto arte. Nas palavras de Moholy-Nagy “para que uma pessoa torne-se um bom fotógrafo, era essencial dominar as propriedades da superfície sensível”. (ANDRADE, 2014, p. 89)

A fotografia é, deste modo, um objeto de estudo complexo, envolvendo intervenções técnicas, assim como conhecer materiais específicos e,

⁷ Disponível em: <http://www.theblogazine.com/2014/09/man-ray-at-villa-manin/> <Acesso em 16/05/2019.>

especialmente, compreender a sua funcionalidade e seu significado. Não é somente clicar o botão, tem que se entender todo o processo de construção da imagem, pois como salienta Fontcuberta (1990, p.10), citando László Moholy-Nagy, "os analfabetos do futuro serão aqueles que não saberão utilizar uma câmera fotográfica".

Na série Reminiscências, decorrente da tradição ou das tecnologias digitais, a procura foi por uma visão de mundo renovada com perspectivas contemporâneas explorando a união entre palavra e imagem. Então resgatei imagens de trabalhos antigos para que dialogassem com as advertências encontradas.

No processo de criação dessa pesquisa, houve o entrelaçamento dos meios digitais e analógicos, parti de imagens do meu arquivo pessoal, fotografias ampliadas à base química. Algumas imagens foram capturadas com máquina analógica e outras com a digital, assim como no processo de construção dos fotogramas, em que, não apenas posicionei objetos de forma aleatória sobre a superfície sensibilizadas, mas criei fotomontagens utilizando o photoshop, sobrepondo as imagens escolhidas, invertendo-as e as imprimindo em lâminas, transformando-as em negativo.

Segundo Hacking, fotograma é "Uma imagem criada pela combinação de várias imagens diferentes, as vezes em outras mídias, por recorte e colagem, por projeção ou técnica de natureza digital". (2012, p. 555) Sobre a diferença entre fotograma e fotomontagem, Rouillè afirma "É a construção manual de imagens sem coisas, enquanto o fotograma é o registro puramente químico de coisas, sem obedecer a suas formas." (2004; p. 329). Ainda em Rouillè, sobre o artista que trabalha com fotomontagem, "[...] constrói uma nova unidade fotográfica com a ajuda de fotos dadas ou escolhidas." (2004, p.328). Sendo assim, meus fotogramas foram pensados de forma a criar uma nova imagem fotográfica, uma nova poética (Figura 8).



Figura 8- Ester Zingano, 2017 - Fotogramas
20,3 x 25,4 cm

Não tem como falar em fotomontagem “[...] termo inventado depois da 1ª guerra mundial, quando os dadaístas berlinenses necessitaram de um nome para designar a nova técnica utilizada mediante a introdução de fotografias em suas obras de arte.” (DAWN, 2002, p.12)⁸, sem mencionar alguns movimentos do início do século XX, entre eles, os surrealistas e dadaístas, que faziam uso da fotomontagem como uma nova possibilidade de visualização.

A vanguarda surrealista, através do uso da fotomontagem apresentava, juntamente com as colagens de revistas e jornais, cenários irreais e novas possibilidades oníricas. O sonho deveria ser trabalhado enquanto linguagem e não enquanto matéria de interpretação analítica, como propunha Freud. O sonho seria o significante e não fundamento para a busca de algum significado, o

⁸ El término 'fotomontaje' fue inventado justo después de la Primera Guerra Mundial, cuando los dadaístas berlinenses necesitaron un nombre para designar la nueva técnica utilizada mediante introducción de fotografías en sus obras de arte. - Tradução nossa.

que faz com que a interpretação de tais imagens seja uma atividade individual, também caracterizada como a “desambientação mental” (FABRIS, 2002, p. 3).

Para os dadaístas um meio de contestar e ampliar os limites da arte da época. A fotomontagem, esse novo método de criação, era capaz de incorporar, tanto elementos da nova realidade tecnológica, e ao mesmo tempo, servir de oposição a produção burguesa de arte.

Com suas características próprias, numa espécie de *grande amalgama de suportes*, como se essa imagem devesse ser dessacralizada, trazida de volta à condição de objeto (quase que de consumo) e até de desejo, em todo caso, de vestígio e de um ingrediente de composição qualquer; e, por outro, a essa mixagem de materiais, fazer corresponder *jogos de combinações simbólicas*: as associações de fragmentos fotográficos empregam desse modo todos os fios da analogia, da comparação, da acoplagem de ideias, num sentido político de contestação e de crítica ou naquele (poético) de uma metaforização positiva e expansiva (DUBOIS, 2004, p. 269)

Então, a fotomontagem foi parte integrante dos movimentos artísticos de vanguarda, como possibilidade de crítica e diálogo entre as diferentes formas de percepção da vida e da conseqüente urbanização e industrialização do século em questão.

1.3 CIANOTIPIA – Processo em Expansão

Em meu trabalho, a busca pela materialidade fotográfica, aconteceu por meio das fotomontagens, dos fotogramas e da Cianotipia, por serem processos antigos, pouco usados, e por se obter imagens fotográficas sem o uso de câmeras.

A cianotipia consiste na tiragem de imagens, por negativo fotográfico ou objetos, em contato com papeis sensibilizados por químicos (solução de sais de ferro como ferricianeto de potássio e citrato férrico amoniacal) reagentes a raios ultravioletas (sol, ou lâmpada). Resultando numa imagem azul da Prússia.

Grande parte das imagens hoje são capturadas e automaticamente expostas nas redes sociais, sem que haja tempo de fruição. Já a cianotipia por se

tratar de um processo fotográfico lento, sujeito as intempéries climáticas e a imprevistos, exige uma pausa que se torna um passo importante para a formação de um senso crítico.

Vale destacar que escolher um procedimento antigo como o cianótipo, não entra aqui como um contraponto às tecnologias digitais, mesmo que a abundância de imagens que são criadas instantaneamente pelos aparatos tecnológicos disponíveis, acabam se propagando de forma desordenada, sem que haja a reflexão sobre essas imagens, o que segundo a Professora Lucia Pimentel:

Devido à velocidade com que vemos as imagens, nem sempre podemos pensar sobre elas e selecionar as que devem fazer parte do nosso repertório imagético, isto é, da referência visual que gostaríamos de deixar registrada em nossa memória. (PIMENTEL, 2002, in: BARBOSA, p.127)

Mas a introdução constante das tecnologias digitais na imagem não anula as anteriores. Leva-as, porém, a se redimensionar, repensar suas possibilidades. Pensar em processos híbridos incentivam o amadurecimento de uma linguagem pessoal na medida em que “os procedimentos artesanais nele envolvidos fazem com que o fotógrafo deixe de ser um mero agente captador de imagens, ou um mero impressor, para assumir o papel de qualificador da imagem” (MONFORTE, 1997, p. 119).

O Uso do cianótipo iniciou no século XIX, a princípio como forma a ilustrar livros, pois era uma técnica com baixo custo. Cabe lembrar que nesta técnica não é usado negativos fílmicos e sim transferências através do contato direto. Então pensar o tamanho da imagem desejada se torna importante, uma vez que o processo de cianotipia não permite reduções e ampliações de tamanho.

Outros suportes, além do papel também são possíveis, o que permite uma maior exploração e reprodução da imagem. Além disso, não há a necessidade de câmeras fotografias, laboratório e maiores aparatos para a obtenção da imagem, visto que:

A melhor fonte de luz para a exposição de um cianótipo é o sol. Outras fontes de luz bastante adequadas são lâmpadas de quartzo de 1000 W ou, se disponível, a fonte luminosa a carvão de uma máquina de gravação

de chapas de *offset*. Lâmpadas ultravioletas também podem ser utilizadas. (MONFORTE, 1997, p. 80-82).

Anna Atkins, foi quem primeiro utilizou a técnica como obtenção de imagens, a partir de fotogramas de plantas e algas (Figura 9), a fim de ilustrar livros na área da botânica. Considerado o primeiro livro ilustrado com fotografias.

[...], ela publicou o livro *Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions* (1843), um volume escrito à mão e ilustrado com 307 cianotipias das mais diversas algas britânicas, que acabou se tornando a primeira publicação do mundo ilustrada com fotografias. (D'Angelo <https://revistacult.uol.com.br/home/anna-atkins-fotografa-pioneira/> Acesso em 23/05/219)



Figura 9- Anna Atkins - "Dictyota dichotoma, (1849-50)"⁹

Não se encontram muitos registros sobre a utilização da cianotipia ao longo do século XIX, apenas em algumas ilustrações de livros e manuscritos feitos em transparências, mesmo que a técnica tenha sido bastante utilizada por engenheiros civis, uma vez que a empresa francesa Marion & Cie, produzia os papeis sensibilizados para reprodução dos desenhos técnicos. (CAMPOS, 2014. P. 27)

No uso em arte, não se tem muita informação sobre a cianotipia, talvez em função de seu surgimento ser praticamente junto com a fotografia. Contudo, atualmente a cianotipia tem sido resgatada por artistas contemporâneos como

⁹ Disponível em: (<https://www.nytimes.com/2018/11/15/arts/design/she-needed-no-camera-to-make-the-first-book-of-photographs.html>> acesso 22 de maio de 2019>>)

forma a explorar os processos e as possibilidades expressivas existentes no meio fotográfico. Quebrando a noção de uma representação real e objetiva da sua natureza processual, proporcionando o reconhecimento da fotografia como uma linguagem excelente às experimentações estéticas, com possibilidade de ações e criações, conceitos e poéticas.

Na diversidade de produções e das possibilidades da cianotipia no cenário contemporâneo, artistas como Jeffrey Apoian (Figura 10), Wu Chi-Tsung (Figura 11) e as brasileiras Renata Voss (Figura 12) e Andrea Brächer (Figura 13) compõem o cenário de artistas que utilizam os processos alternativos de fotografia.

Jeffrey Apoian (EUA) é fotógrafo de moda bastante requisitado, entre seus trabalhos publicitários encontram-se capas de revista famosas e CDs que incluem Yoko Ono, Sting, entre outros. Em seu trabalho com cianotipia, brinca com as diferentes tonalidades de azul ao criar seus mosaicos, dando ênfase ao caráter artesanal da técnica.



Figura 10- Jeffrey Apoian - "Float", 2014.¹⁰

¹⁰Disponível em:

https://ww1.prweb.com/prfiles/2014/09/03/12140587/float_apoian_cyanotype-show-hyrda-greece.jpg > acesso em 23 de maio de 2019.

Wu Chi-Tsung fotógrafo taiwanês, faz uso da cianotipia de forma diferente da maioria dos outros artistas, o papel sensibilizado é também a matriz. O processo consiste em sensibilizar o papel, amassar e expor à luz solar, se vale do acaso, criando assim diferentes zonas de sombra e luz na superfície.

Formas disformes com várias tonalidades é que dão uma aparência texturizada em seu trabalho.

Os métodos de texturização estão no centro da pintura tradicional da paisagem, representações subjetivas de rochas e terrenos montanhosos. Uma extensão da caligrafia vista na caligrafia, esses métodos de texturização foram utilizados pelos pintores como forma de se expressar, para transmitir as paisagens nascidas de sua imaginação. (Página de Wu Chi-Tsung)¹¹
(< <http://wuchitsung.com/archives/121>> Acesso em: 23 de Maio de 2109.



Figura 11- Wu Chi-Tsung - "Wrinkled Texture", 2015.¹²

Renata Voss desenvolve trabalhos autorais desde 2004, interessa-se pela investigação de processos alternativos de fotografia, não só em cianotipia,

¹¹ Disponível em: < <http://wuchitsung.com/archives/121>> Acesso em: 23 de maio de 2109.

¹² Disponível em:<<http://wuchitsung.com/archives/121>> Acesso em: 22 de Maio de 2019.

mas também técnicas como papel salgado e platina/paládio. Além da técnica artesanal, o suporte usado também é investigado, experencia suas justaposições nos mais variados tipo de papel, como papel japonês, papel chinês e papel algodão.

Com o tema Cidades (Figura 11), ela procura confrontar imagens de seu arquivo pessoal com as “lembranças existentes na memória de uma sociedade”. Seu trabalho se articula com matrizes justapostas estabelecendo relações entre a fotografia, o tempo, movimento e memória.

Ao ter a cidade como tema, provoca-se também uma discussão sobre os seus usos, apropriações, limitações, trazendo um tema bastante atual, mas apresentado e problematizado de forma poética, provocando indagações como: Que usos fazemos da cidade? Que imagem temos dela? Acreditamos no trabalho artístico como forma de questionar a cidade e suas transformações?

(<https://www.sescalagoas.com.br/2018/04/sesc-alagoas-recebe-exposicao-ruir-da-artista-renata-voss/>)

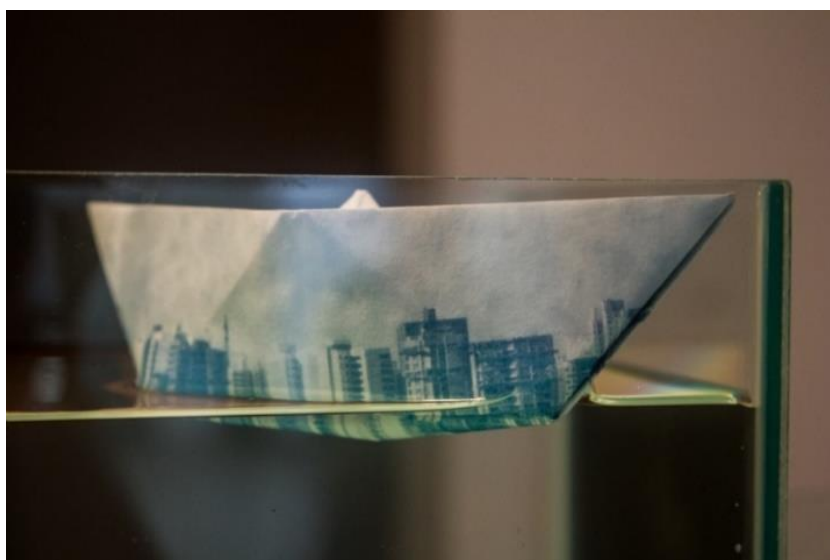


Figura 12- Renata Voss - Estudo para uma paisagem, 2014¹³

Andrea Brächer é formada em publicidade e propaganda e Dr^a em Poéticas Visuais. Sua pesquisa em processos alternativos de fotografia vem ocorrendo desde 2003, com experimentações em processos natural e orgânico, utiliza o

¹³ Disponível em: <https://wesleylemos.wordpress.com/2014/07/25/renata-voss-na-galeria-jenner-agosto/> acesso em 26 de maio de 2019.

sol e propriedades biológicas das plantas. Tem interesse pelo cruzamento das experimentações químicas com as tecnologias digitais, preocupa-se com tempo, rompe com a lógica da instantaneidade da fotografia digital.

Opor-se ao industrialmente feito, recuperar historicamente uma técnica esquecida (e morosa) dos processos fotográficos é também uma postura crítica frente a sociedade do descarte e do instantâneo, além de permitir o resgate histórico dos primórdios da fotografia, sob novo ponto de vista (BRÄCHER, 2015, p. 7-8).

Assim, a fotografia contemporânea vem rompendo com os parâmetros estéticos da fotografia convencional, não só no seu conteúdo, mas também em como se apresenta.

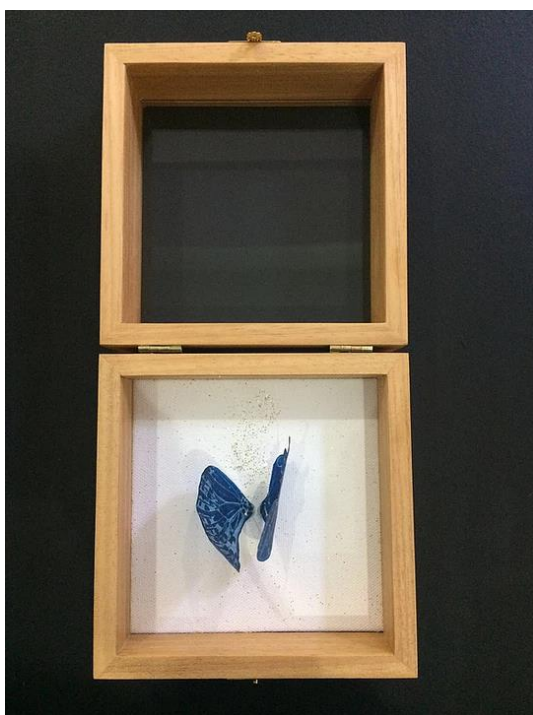


Figura 13- Andrea Brächer - Sem título, série II - o Mundo das fadas- 2019¹⁴

Hoje, com essa proliferação de imagens, há necessidade de uma educação do olhar, um cuidado maior com as imagens geradas sem critérios e sem reflexão. As tecnologias digitais fazem com que mantenhamos um contato

¹⁴ Disponível em: <<http://www.babilonica.com/copia-angela-zaffari>> Acesso em 26 de maio de 2019.

estreito com o universo fotográfico, porém não da forma que ocorria nos tempos analógicos.

O trabalho que se formou na pesquisa "Reminiscências" (Figuras 14, 15, 16 e 17), é um conjunto de marcas, impressões, rastros de memória, caminhos, advertências. Se alternando entre a artesanania e a virtualidade, entre o antigo e o novo, em procedimentos com múltiplas temporalidades, atravessamentos e coexistência do tempo



Figura 14- Ester Zingano, 2019 - s/Título
29,5 x 21 cm
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 15- Ester Zingano, 2019 - s/Título - 29,5 x 21 cm
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 16 - Ester Zingano, 2019 - s/Título - 29,5 x 21 cm
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 17 - Ester Zingano, 2019 - s/Título - 29,5 x 21 cm
Fonte: Arquivo pessoal



CAPITULO 2

CAPITULO 2

2.1 DOCENTE EU?

A docência nunca fez parte dos meus planos. Durante o bacharelado, muitas vezes fui questionada se continuaria e faria a licenciatura.

Docente eu? Jamais!

Assim, ao acabar o bacharelado, ingressei na especialização em Poéticas Visuais, em 2003 na Feevale, com o intuito de continuar minha pesquisa em artes.

No ano de 2010, fui desafiada a entrar em uma sala de aula e lecionar pra alunos de licenciatura em Artes Visuais, numa faculdade semipresencial. Eu, não licenciada, preparando alunos para enfrentar a docência.

Se por um lado eu não era licenciada, ao ser desafiada a estar em uma sala de aula, fez com que eu buscasse uma forma de articular minha experiência enquanto artista com o conhecimento disponível na área da educação.

Acredito que vale uma breve explanação sobre como funciona uma faculdade semipresencial, ao menos o que me foi dito quando fui entrevistada para assumir o cargo.

- O professor é quem escreve o livro, tu serás uma professora tutora-externa, a pessoa que fica no polo de apoio, aplica as provas que vêm prontas, corrige, coloca as notas no ambiente virtual, corrige e avalia os trabalhos. A matéria a ser dada vem pronta nos materiais didáticos. Simples assim.

E eu acreditei! Por gostar de desafios, assumi minha primeira turma. Diferentemente de uma faculdade presencial, aqui as turmas ficam com o tutor pelos 4 anos do curso. Sim, por 4 anos, no que chamo aqui de "mediação ativa"¹⁵ do conhecimento de todas as disciplinas do curso. Além disso, cabe ao tutor supervisionar estágios e orientar TCC.

¹⁵ Não se trata apenas de mediar aquilo que o autor do livro escreve, mas também prepara aula unindo o que foi escrito pelo professor da disciplina com questionamentos, aproximando o aluno, e a tirar o melhor deles

As disciplinas acontecem em 4 encontros, sendo que em três deles acontece a avaliação de cada disciplina. Por se tratar de um curso basicamente teórico, comecei a utilizar os primeiros encontros de cada disciplina, aqueles em que não há provas, para trabalhar práticas artísticas com os alunos. De maneira que ao menos os alunos pudessem ter contato com as linguagens da arte.

No mesmo ano que ingressei como docente, fiz a especialização em Docência do Ensino Superior, como forma de articular mais conhecimento e me sentir mais preparada para o que me esperava.

Então, desde que me vi professora, me vi também, novamente aluna. Não só por procurar mais conhecimento, mas também por descobrir que como professora, acabei aprendendo muito mais. Nesse interim, concordo com a fala de Freire:

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.
Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém. (1997, p. 23)

Apesar de acreditar e constatar que muito da docência se aprende na prática, ainda, por não ser licenciada, sentia que me faltavam subsídios para orientar os estágios.

Dessa forma, em 2015/2, ingressei como diplomada no Instituto de Arte da UFRGS. E no ano de 2017 no curso de Pedagogia, na faculdade em que trabalho, Uniasselvi. E desde então eu venho buscando uma forma de articular o conhecimento adquirido como instrumento questionador, promovendo a possibilidade de um desenvolvimento mais integral, baseado na vivência do conhecimento artístico com as teorias do ensinar e aprender.

Então aqui estou!

2.2 A FOTOGRAFIA EM SALA DE AULA E O *SELFIE*.

Chegada a hora de colocar em prática os ensinamentos obtidos durante o percurso acadêmico. E agora?

O estágio curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Artes Visuais, foi realizado em 2 escolas distintas, o Ensino Fundamental na E.E.E.F. Idelfonso Gomes, compreendendo dois períodos na turma 72 (sétimo ano) e dois períodos na turma 92 (nono ano). Em que foram realizadas 10h/a de observação e 20h/a de regência entre as duas turmas.

Já o estágio Curricular do ensino médio, ocorreu no Colégio Estadual Protásio Alves, a princípio seriam oito períodos por semana, em quatro turmas de 1º ano, mas em função de troca de horário na escola, acabei por fazer em duas turmas, a 120 e a 123, e igualmente foram 10h/a de observação e mais 20h/a de regência.

Ambas as escolas se encontram em bairro central de Porto Alegre (bairro Azenha), apesar de muitos dos alunos, principalmente do ensino médio, não morarem perto.

Procurar as escolas que te aceitem e que tenham horários em que tu possas realizar, resolver a burocracia, preparar planos de aula, são alguns dos entraves a ser resolvidos pelos discentes da Licenciatura.

Ao pisar na escola, como estagiária, comecei a entender um pouco dessa empreitada, e a compreender um pouco mais pelo que passam os alunos.

O estágio compreende não só as observações e regências em sala de aula, o último trimestre é uma caixa de surpresas, e dentro dela há festas de halloween, saídas de formatura do ensino fundamental, gincanas, etc., e isso faz com que sejam formadas diferentes estratégias para a realização do mesmo.

Ao observar as turmas, foi definido projeto de ensino (ver apêndice), que foi entregue e aprovado pelos professores das disciplinas de estágio intitulada: Docências em artes visuais nos Ensinos: Fundamental e Médio e também às professoras regentes que aprovaram a abordagem do trabalho proposta,

e dessa forma, pode-se estabelecer os elementos para iniciar o processo de ensino-aprendizagem.

O objetivo era trazer o aluno para os processos de criação envolvendo procedimentos fotográficos, que iam além do simples “fotografar e postar”. De alguma forma o que pretendia era me aproximar do que dizem as autoras Fusari e Ferraz, quando afirmam que é necessário pensar em “um trabalho escolar consistente, duradouro, no qual o aluno encontre um espaço para o seu desenvolvimento pessoal e social por meio da vivência e posse do conhecimento artístico e estético” (2001, p. 21).

Revisando minha trajetória como docente posso dizer que compete então, ao professor responsável pelas aulas de Arte, mediar e atrair à vontade pela busca e pela pesquisa, despertando a curiosidade, difundindo novos elementos, indagando e gerando dúvidas, que deixem os alunos instigados e inquietos por respostas, gerando assim uma “compreensão do mundo em que vivem e suas contradições” (IDEM).

Ao trabalhar a fotografia em sala de aula destaco a importância de levar em consideração questões da nossa atualidade, por exemplo, aulas contextualizadas de acordo com as realidades dos alunos como apontado por Rangel (2012, p.188),

[...] os jovens e crianças de hoje nasceram e vivem em um tempo em que o conhecimento, saberes, valores, crenças são formulados, em grande escala, pelas representações visuais. Um tempo em que nossas relações com o mundo dos fatos, de um cotidiano experienciado pelo corpo, estão sendo substituídas pelas diferentes “telas” de celulares, PCs, jogos eletrônicos, TVs, iPods, iPads, tablets, cinema 3D, entre outras telas virtuais.

Por isso é fundamental que se levantem questões presentes na sociedade, a mesma em que os alunos estão inseridos, em relação as imagens do cotidiano divulgadas através da mídia e a importância dessa cultura para compreensão da Arte, uma vez que estamos imersos em uma sociedade cheia de imagens.

Uma vez que o uso do celular é uma constante em sala de aula, o Projeto de Ensino foi pensado como forma de unir essa “paixão” (ou seria uma

compulsão?) por (se)retratar e ao outro, com um maior conhecimento acerca das técnicas fotográficas, e também no processo de construção da autoimagem, já que atualmente é possível a qualquer momento, há qualquer um, com ou sem muita técnica, fotografar um momento com a câmera de um celular. Ou ainda uma forma de resposta automática à caixa-preta e toda sua estrutura de aparelho como sugere Vilém Flusser, onde as imagens técnicas são imagens produzidas por aparelhos, os quais, " [...] são produtos da técnica que, por sua vez, é texto científico aplicado." (2011, p. 29) Ou seja, o ato de fotografar não é como o ato de escrever, que nos obriga a também saber ler.

Nessa massificação fotográfica, quanto maior a disposição dos jovens em fotografar, menor o entendimento do significado deste ato. A compreensão do real estatuto da fotografia revela-se de fato difícil para o observador ingênuo, incapaz de reconhecer que imagens fotográficas são conceitos, então: "Enquanto não existir crítica fotográfica que revele essa ambiguidade do código fotográfico, a intenção do aparelho prevalecerá sobre a intenção humana. (FLUSSER, 2011, p.43).

Joan Fontcuberta nos diz que os jovens fotografam o tempo todo e que,

suas fotos são concebidas não como documentos, mas como diversões, como explosões vitais de auto-afirmação; já não celebram a família ou o feriado, mas o clube noturno e o shopping. Elas são a encarnação perfeita do quadro do lenço de papel: usar e jogar fora. produzimos tanto quanto consumimos - somos tanto homo photographicus quanto simples viciados em fotografia (quanto mais fotos melhores); nada pode saciar nossa sede por imagens, a soma do pós-modernismo. (2014:27¹⁶)

Refletindo sobre o que fala Fontcuberta referente a ideia de que produzimos tanto quanto consumimos, podendo-se concluir que a imagem é hoje algo descartável, concordo com Hernández (2008, p. 100), quando diz que o pesquisador em Educação deve ir mais longe, ampliando as funções atribuídas à imagem (fotografia), de forma a utilizá-la como linguagem complementar ao texto.

¹⁶ Traduzido com a versão gratuita do tradutor - www.DeepL.com/Translator (A câmera de pandora. A fotografia depois da fotografia.)

Nesse projeto, os alunos, primeiro utilizaram a máquina fotográfica digital para registrar-se um ao outro, experienciando e criando uma melhor forma de (se)retratar, o que para Flusser (2011, p. 52-53) significa que,

nem mesmo turistas ou crianças fotografam ingenuamente. Agem conceitualmente, porque tecnicamente. Toda intenção estética, política ou epistemológica deve, necessariamente passar pelo crivo da conceituação, antes de resultar em imagem.

Mas, basta acessar as redes sociais para constatar os desdobramentos da evolução da prática das imagens. Acontecimentos como *selfie*¹⁷ e *memes*¹⁸ comprovam que não basta o acesso a essa tecnologia para que se logre uma construção crítica de si mesmo e da realidade, isso requer o desenvolvimento de aspectos intelectuais e emocionais, estéticos e artísticos, sociais, comunicativos e culturais.

O assunto *selfie* em questão é meramente um pretexto para também justificar a ideia de uma nova perspectiva no fazer fotográfico, situando a era digital como um diferencial marcante no resultado técnico e estético da imagem fotográfica.

Lipovsky em entrevista disse:

O selfie é um exemplo desse individualismo. É um prolongamento desse narcisismo. Contudo, é um individualismo paradoxal, pois ele está em uma busca incessante da aprovação dos outros. Faço uma foto, coloco no **Facebook**, mas aguardo a reação dos outros. É um Narciso incompleto. Posso me amar, mas me amo mais ainda se os outros me amam, se dizem que sou bonito, que a foto é interessante. As pessoas tiram selfies para ter uma recompensa simbólica, da parte dos outros. Com o Facebook, cada um é um publicitário de si mesmo. Cada um faz seu próprio marketing. É um marketing narcisístico.¹⁹

¹⁷ palavra em inglês, um neologismo com origem no termo self-portrait, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet.

[https://www.significados.com.br > selfie](https://www.significados.com.br/selfie)

¹⁸ O Meme pode ser considerado uma ideia, um conceito, sons ou qualquer outra informação que possa ser transmitida rapidamente. <https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>

¹⁹ LIPOVETSKY, Gilles. **Estamos cansados de tantas novidades**. Zero Hora online, 2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/09/estamos-cansados-de-tantas-novidades-afirma-o-filosofo-gilles-lipovsky-4603364.html>>

Tal ponto de vista traz uma série de implicações capazes de moldar nossa relação com as imagens com as quais convivemos, e que, se traduzem em diversos usos, mas verdadeiramente não se diferem dos usos tradicionais com que a fotografia sempre nos serviu (memória, informação, apreciação artística), a não ser pela quantidade: os clicks fotográficos se tornaram desmedidos, e muitas vezes inconsequentes, levando muitos a questionar esta sociedade viciada por imagens através de práticas pouco ortodoxas, como apropriação de imagens das mais variadas fontes (redes sociais), para traduzir fins estéticos determinados.

Os exercícios pensados em trabalhar com as turmas, propunham entender os conceitos de *selfie* e autorretrato, e através dos retratos obtidos criar um "negativo" para o exercício da cianotipia. Creio que a utilização da fotografia nas aulas de Arte envolve aspectos intelectuais e emocionais, estéticos e artísticos, sociais, comunicativos e culturais. Permite tanto ao aluno quanto ao professor uma visão sensível da realidade e sobre o outro, bem como conhecer diferentes realidades vivenciadas, compartilhadas/construídas pelos mesmos.

O uso do autorretrato, se mostra como um tema interessante para o entrecruzamento dos aspectos sociais e pedagógicos nas artes visuais, pois permite que se conceba a construção da autoimagem abordando temas como privacidade e superexposição nas redes, e também o desenvolvimento de percepções e conceitos de elementos estéticos da fotografia. Nesse sentido, estou de acordo com Rangel, quando mediante uma série de questionamentos sobre o ensino da arte, coloca o seguinte:

Percebo que as professoras caracterizam a arte como uma instância que aciona as sensibilidades individuais e sociais, como um espaço de criação e rupturas, como um conhecimento fundamental para ascensão sociocultural, como experimentação, como uma forma de contestação política, entre outras características. Pergunto a elas: que Arte é essa que vocês falam? É o sistema da ARTE? O conjunto de obras consagradas? Algumas obras? Alguns movimentos da arte ocidental? A arte contemporânea? Os processos individuais e/ou coletivos da elaboração da linguagem visual? E como seria o ensino de arte a partir das delimitações e conceituações que atribuímos à arte?(188)

Então, as interrogações de Rangel, me fazem crer que, não há uma resposta certa para cada questionamento, mas independentemente dos conceitos e delimitações atribuídos à arte, ela se torna importante no ensino, não só para instigar sensibilidades, mas também, como forma de questionamento e experimentação.

2.3 AS INTERVENÇÕES no processo de ensinar e aprender

2.3.1 Ensino Médio

O que sabem sobre fotografia? Vocês têm o hábito de fotografar?

Como costumam realizar esta fotografia? O ato de fotografar é espontâneo ou planejado? Gostam dos resultados obtido? Por quê?

Precisava deste conhecimento prévio para saber por onde começar. Constatei que grande parte dos alunos gostavam de fotos, mas as mesmas eram tiradas sem nenhum critério, e sem a preocupação com técnicas básicas de uma boa imagem.

Deste modo pode-se refletir sobre a importância do conhecimento artístico e a forma como são conduzidas as aulas de Arte na escola, uma proposta de aula planejada que não inclui questões da atualidade não desperta o aluno para um senso crítico de realidade nem mesmo faz com que ele perceba sua conexão com o mundo.

Segundo Hernandez:

[...] quando um estudante realiza uma atividade vinculada ao conhecimento artístico[...] muitos esquecem: que não só amplia a habilidade manual desenvolve um dos sentidos (a audição, a visão, o tato) ou expande sua mente, mas também, e sobretudo delinea e fortalece sua identidade em relação as capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc., o que lhe cerca também de si mesmo. (2000, p.41 e 42)

Assim, este Projeto de Ensino vai ao encontro da ideia, de que a imagem é uma linguagem que permite outros inúmeros usos (além dos meramente

recreativos e facilitadores, utilizados pelos alunos), que podem e devem ser utilizados pelo professor como recurso didático em sua prática pedagógica.

Já Rangel atenta para a necessidade de discussões referentes ao uso das imagens, não só como complementar ao estudo da história da arte, mas também pela forma que ela pode construir conhecimentos.

Entendo que o ensino de arte hoje deveria ter, como uma de suas principais preocupações, a discussão sobre os efeitos das imagens, a constituição da visualidade e o poder das imagens em produzir verdades. Isso não significa abandonar nas salas de aula o conhecimento sobre arte, as mediações objetivando buscar as expressões singulares, as experimentações com diferentes suportes e materiais, a produção de linguagens, entre outras possibilidades do trabalho pedagógico em arte, mas significa acréscimos ao ensino de arte que mais se preocupou com os "objetos" de conhecimento do que como esses conhecimentos produzem os sujeitos. (184)

Dessa forma, a escolha por trabalhar a fotografia e a autoimagem se tornaram mecanismos importantes para o entendimento da visualidade com que nos representamos hoje, e ainda, como forma de pensar essa representação. Além disso, poder gerar no aluno a vontade pela prática, fazendo com que se formulem argumentos e questionamentos. Ou seja, através da autoimagem instigar a curiosidade dos alunos para motivar uma capacidade reflexiva.

Acho importante salientar, que nas observações feitas anteriormente, a professora regente utilizou grande parte dos seus períodos cedendo espaço para que as turmas se organizassem para a "Semana Protasiana", que ocorre todo ano em função do aniversário da escola. Isso fez com que eu tivesse um contato bem participativo no cotidiano deles, e a manter um conhecimento mais próximo dos discentes em questão. Dessa forma, ao começar a regência, os alunos já tinham uma certa "intimidade" comigo e com minha forma de trabalhar, o que facilitou muito nas propostas feitas.

De posse de conhecimento que eles tinham sobre fotografia, propus que se dividissem em duplas, expliquei rapidamente o funcionamento da máquina fotográfica, uma Nikon D90, semiprofissional, e propus que um retratasse o outro. Não simplesmente tirar uma foto, mas o fotografado deveria ser o

diretor e assim direcionar como deveria ser retratado, ainda deixando claro, que os retratos obtidos seriam usados para um trabalho posterior.

Antes do exercício de obtenção das imagens, apresentei aos alunos os primeiros artistas que trabalharam com o autorretrato em fotografia (Figuras 18 e 19), assim como artistas contemporâneos que através da selfie (Figuras 20 e 21) se apresentam de forma diferenciada.

Figura 18 - Robert Cornelius²⁰, 1839



Figura 19 - Albert Southworth²¹h-1848



Figura 20 - "Black Balloon"
Tadao Cem (Lituânia), 2013²²



Figura 21- "Photomontage Portraits"-
Saria Hamaamin (Reino Unido), 2013²³



²⁰ <https://publicdomainreview.org/collection/robert-cornelius-self-portrait-the-first-ever-selfie-1839>. <acesso em 25 de dez. 2019.>

²¹ [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Southworth,_Albert_\(1811%E2%80%931894\)_-_Male_portrait_1848.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Southworth,_Albert_(1811%E2%80%931894)_-_Male_portrait_1848.jpg) <acesso em 25 de dez. 2019.>

²² <http://www.resumofotografico.com/2017/04/seriam-as-selfies-arte-esta-nova-exposicao-diz-que-sim.html>. <acesso em 25 de dez 2019>

²³ <http://www.resumofotografico.com/2017/04/seriam-as-selfies-arte-esta-nova-exposicao-diz-que-sim.html>. <acesso em 25 de dez 2019>

Num primeiro momento houve bastante resistência em se deixar fotografar, ainda mais um retrato, de perto, pois havia o receio que suas imagens fossem publicadas em alguma rede social. Isso de alguma forma me chamou a atenção considerando a prática diária das selfies, etc. Talvez o fato de que eu repetidamente enfatizasse a maneira como eles iam se apresentar, já pensando na questão da identidade e inclusive mostrando artistas que utilizavam essa técnica na contemporaneidade. Mas conforme as imagens iam sendo capturadas eles relaxaram e acabaram participando de forma ativa. Os alunos experimentavam as suas ideias (Figuras 22, 23, 24 e 25), os acompanhava tirando dúvidas quanto ao funcionamento da máquina, ao mesmo tempo questionava o modo de apresentação.

Figura 22



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 23



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 24



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 25



Fonte: Arquivo pessoal

Percebi que se dentro do ensino de Artes é importante o aluno aprender os métodos tradicionais na pintura, escultura, gravura, desenho etc., mas que também hoje existem novas mídias que são cada vez mais aplicadas como fotografia, vídeo arte, cinema, arte digital, entre outras, cabe ao educador inserir tais conteúdos nas aulas de Artes.

Prosser (2012, p. 70) diz que as tecnologias digitais que surgiram ao longo da história não substituí a criatividade do ser humano que as mesmas devem contribuir para aprimorar nossos conhecimentos, auxiliando na busca de novas técnicas e linguagens contribuindo para o crescimento do mundo das artes, como é possível constatar em todos os novos movimentos artísticos, onde se misturam diversos elementos e técnicas e as linguagens combinam entre si.

Para Corrêa, manter contato com alunos que já nasceram em meio a tecnologia e o mundo virtual é necessário para se aproximar das realidades do aluno e estimular reflexões críticas sobre o atual contexto.

Sabe-se que hoje as tecnologias digitais, em especial a internet desempenha um importante papel na sociedade contemporânea devido a sua capacidade de comunicação, de compartilhamento de informações e as possibilidades de interações entre usuários do mundo virtual. No entanto, é preocupante que os laços estabelecidos com a cultura digital pelos jovens sejam pouco aprofundados e se mantenham na superficialidade de visão dos meios tecnológicos como mero divertimento. (CORREA, 2008, p.132)

Assim, ensinar Artes pode ser um grande desafio, conjugar a tecnologia e a Arte de maneira eficaz, e conteúdo que se relacionem entre si sem perder o foco com a infinidade de possibilidades a apenas um clic do seu alcance.

De posse dos retratos (Figura 26), a segunda atividade foi proposta.



Figura 26 - Retratos obtidos e distribuídos para criação do negativo.

Fonte: Arquivo pessoal

Após explicar e mostrar como obter um negativo fotográfico (Figuras 27 e 28), entreguei as lâminas de acetato e canetas permanentes para que eles produzissem o negativo para ampliar suas fotografias em cianótipo.

Para obtenção do negativo é necessário pensar que ele é uma matriz e que a partir dela(matriz) se obterá as imagens fotográficas. De posse de um negativo, expliquei que o que estava em preto nele, ficaria branco na imagem ampliada.

Em seguida, os estudantes, através dos desenhos, criaram seus negativos (Figuras 27 e 28), pois um dos objetivos do projeto era utilizar a fotografia para mostrar aos estudantes que as coisas evoluem. De um lado a facilidade e rapidez de acesso a uma imagem por meio da fotografia nos dias de hoje, e o desenho para que percebessem “[...] a dificuldade que era para registrar [no passado] uma imagem.” (JASTROW; OLIVEIRA; SOUZA, 2008, p. 10).

Figura 27



Figura 28



Alguns resultados dos desenhos na criação dos negativos.
Fonte: Arquivo pessoal

Neste exercício pode-se verificar que a automatização da representação (ou da imagem) pela fotografia se contrapõe ao tempo largamente indefinido que leva o pintor, mesmo não sendo o objetivo deste trabalho explorar este processo, considerei importante esta referência para dar a perspectiva do tempo na construção da imagem.

Cabe pontuar aqui, que este método não menciona ter por objetivo o ensino do desenho a partir da prática fotográfica, pelo contrário, o projeto tem como objetivo geral, conhecer a história da fotografia e de suas técnicas para poderem ser utilizadas no ensino da Arte. Contudo, por levar a prática do desenho aos estudantes, e ao utilizar uma comparação entre aquelas duas diferentes linguagens, verifica-se que a fotografia acaba auxiliando na compreensão do conceito de desenho.

De posse dos negativos, tanto os criados por eles com o uso do desenho, mas também dos negativos digitais. A ideia inicial era os alunos manipulassem suas imagens nos *softwares* disponíveis na sala de informática da escola, mas em função da dificuldade encontrada, visto que, o laboratório estava ocupado por uma das equipes da gincana, a essa etapa do projeto ficou inviável. Acabei construindo os negativos no meu computador.

A produção dos negativos digitais se deu pela manipulação das fotografias via *software*, de tratamento de imagens, no caso o *photoshop*. Como a cianotipia é um processo monocromático as imagens digitais foram trabalhadas em preto e branco, então, primeiro as converti à monocromia. Feito isso, imprimi as imagens em acetato, apesar de que outros suportes poderiam ter sido usados, a escolha se deu para dar continuidade ao suporte utilizado no autorretrato feito através do desenho.

A cianotipia consiste basicamente na reação química entre o citrato férrico amoniacal e o ferricianeto de potássio, gerando uma solução sensível à luz ultravioleta, no caso aqui, o sol. Essa solução foi aplicada no papel de uma gramatura alta, e a imagem é gerada pelo contato de negativos com esses papéis sensibilizados. Ao ser exposta a luz UV (Figuras 29 e 30) a solução que inicialmente possui cor amarelada passou a ter coloração azulada.

Figura 29



Exposição ao sol
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 30



Assim no final do processo, com a lavagem dos papéis (Figuras 31,32 33 e 34,), essas partes azuladas permanecem no papel enquanto as partes que foram bloqueadas se mantêm amareladas e saem durante a lavagem revelando a cor natural do papel.

Figura 31



Processo de retirada dos químicos

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 32



Figura 33



Resultado da cianotipia.

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 34



Essa parte de lavagem foi um tanto difícil, pois na escola não havia no pátio, um tanque apropriado para lavagem dos papéis após a exposição ao sol, apenas uma pia no banheiro. Isso não impediu que a proposta acontecesse, pois os alunos colaboraram de forma significativa.

Figura 35



Alguns resultados dos desenhos na criação dos negativos.
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 36



Exposição ao sol
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 37



Resultado da cianotipia.
Fonte: Arquivo pessoal

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No meu trabalho enquanto artista, busquei com a fotografia analógica estabelecer diálogos, na tentativa de criar uma relação de cumplicidade com o meio e os instrumentos usados ao capturá-la. Usei a imagem num ensaio para desafiar a compreensão e, também, sugerir leituras, ideias e até mesmo comportamentos. O mais instigante propósito, porém, pareceu ser o de tentar captar e representar um aspecto do mundo exterior a partir da imagem capturada. E, talvez, transformar a percepção e a consciência do espectador através das emoções que a imagem suscitava.

Ao pesquisar para este TCC pude constatar que ao longo da história da fotografia, o autorretrato, foi seguramente uma das principais artimanhas utilizada pelos fotógrafos, onde permitem ao observador visualizar a pessoa por trás das câmeras. Porém, a forma com que o fotógrafo se mostra, bem como sua intenção na produção dessas imagens, varia principalmente de acordo com o contexto social em está inserido. Incluindo pretensões de aperfeiçoamento técnico, busca da própria identidade ou mesmo o questionamento do *status quo* social, o autorretrato sempre foi um dos instrumentos disponíveis aos produtores de imagem para a realização desses objetivos.

Esse processo de autorrepresentação teve seu uso simplificado pela tecnologia, e as formas de distribuição do conteúdo imagético se dispuseram ao alcance de qualquer pessoa, e assim o autorretrato foi absorvido como *selfie* pela sociedade. Essa apropriação permitiu ao indivíduo o acesso a uma forma de expressão que contempla a vontade da superexposição.

Pensar em mesclar o digital com o analógico foi um dos agentes motivadores deste TCC e do Projeto de Ensino intitulado: "Da *Selfie* ao autorretrato no ensino das artes visuais, a fotografia numa retrospectiva através do tempo". A intersecção criada entre a fotografia artesanal, no caso a cianotipia, e digital, me fez perceber que esses diálogos são tanto pertinentes, como intuitivos e naturais na contemporaneidade. Neste TCC

priorizei relatar as experiências vividas no Ensino Médio, não por achar mais importante, mas devido a imprevistos que ocasionaram a inconclusão do trabalho com a cianotipia no Ensino Fundamental.

Nas observações das turmas pude averiguar que o uso do celular é uma constante, como uma extensão do próprio corpo. Dessa forma, os exercícios práticos visavam despertar uma maior consciência de si e da auto exposição. Assim, tencionar trabalhar a *selfie* com a técnica de cianotipia se tornou um mecanismo para fazer o aluno pensar, não na instantaneidade da imagem fotográfica, mas nas formas de composição que ela suscita.

Pude perceber neste processo de estágio, que apesar da experiência prévia que tinha como professora de Artes Visuais, as dificuldades encontradas foram as mesmas que meus colegas relatavam nas aulas dos estágios. Enfrentar as realidades da escola pública, a falta de material e espaço favorável à realização de trabalhos diferenciados, e ainda, tentar fomentar constantemente o interesse dos alunos, são capazes de desmotivar qualquer professor. Então, como professores, se torna imprescindível que nos adaptemos a propostas mais convidativas e não nos deixar desanimar frente aos desafios.

E neste sentido a experiência que penso sobre minhas aprendizagens docentes e sobre este Trabalho de Conclusão de Curso, e ainda no sentido de ensinar e aprender, é necessário pararmos por alguns instantes para pensar na experiência, olhar para as escolas, para os alunos e tentar um entrecruzamento de interesse.

E refletindo sobre a fotografia, a autoimagem e todo seu processo de construção, bem como, o desenvolvimento das habilidades para a produção dos cianótipos, permitiu que os alunos reavaliassem a instantaneidade das imagens postadas, se concretizando como um aprendizado e aprimoramento do pensamento crítico sobre a fotografia.

Ao chegar ao término desse projeto pude perceber como ele me colocou em três posições abalizadas: artista, estudante e professor. São essas posições que determinam a real aplicação dos resultados obtidos para além deste trabalho de conclusão. Fica claro para mim que o processo de ensino envolvido pela arte e

pelo pensar artístico desenvolve destrezas distintas, que auxiliam no entendimento das questões subjetivas, do pensamento crítico e até mesmo da formação da identidade e do respeito às diferenças.

Este trabalho foi composto então pelos diálogos entre analógico e digital, da teoria e da prática, dentro de um argumento maior de arte e educação. Ele foi movido pelas reflexões apresentadas anteriormente e essas são o resultado maior dessa pesquisa. E nesse sentido de experiência, reflito sobre as aprendizagens docentes e sobre este Trabalho de Conclusão de Curso. Creio ser necessário, assim como na construção dos cianótipos, pararmos por alguns instantes para pensar na experiência, olhar para as imagens mais devagar, deixar a fotografia nos tocar e nos provocar.

REFERÊNCIAS

- ADES, Dawn. **Fotomontaje**. 1ª Edição. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- ANDRADE, Claudia Maria Mauad de Sousa. **Peles Fotográficas: uma reflexão sobre a fotografia sem câmera**. Niterói: PPGHISTÓRIAUFF, 2014.
- BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no ensino da arte: Anos oitenta e novos tempos**. 8ª Ed. São Paulo – SP: Perspectiva, 2010.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BRÄCHER, Andréa. **Experimentações com *Phytotypes*: resultados finais**. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 10., Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: ALCAR, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/experimentacoes-com-phytotypes-resultados-finais/view>>. Acesso em: 26 de maio de 2019.
- CAMPOS, J. C. B. **Cianotipia em grande formato: Processo alternativo de reprodução de imagem em câmara clara. Uma abordagem das dimensões da linguagem, cor e espaço**. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285059?mode=full>>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos**. 14ª Ed. São Paulo: J. Olympio, 1998.
- CORRÊA, Ayrton Dutra. **Cartografias contemporâneas da arte-educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM 2008.
- D'ANGELO, Helô. **Fotógrafa pioneira, Anna Atkins passou mais de um século na obscuridade**. Revista Cult. <https://revistacult.uol.com.br/home/anna-atkins-fotografa-pioneira/> Acesso em 23de maio de 2019.
- DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico, e outros ensaios**. 8º Ed. Campinas SP: Papyrus Editora, 2004.
- FABRIS, Annateresa. **Fotomontagem e surrealismo: Jorge de Lima**. <http://www.caia.org.ar/docs/Fabris.pdf> <Acesso em 10 de Junho de 2019.>

FERNANDES, A. C. et al. **Implementação e observação de práticas pedagógicas com o uso de Objetos de Aprendizagem na Escola.** In: Workshop sobre a Informática na Escola, Belém, 2008.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia.** São Paulo: Annablume, 2011.

FONTCUBERTA, Joan. **A câmera de pandora. A fotografia depois da fotografia.** Barcelona: Gustavo Gili Brasil, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. T. **Arte na Educação Escolar.** São Paulo: Cortez, 2001.

HACKING, Juliet. **Tudo sobre FOTOGRAFIA.** Rio de Janeiro: Sextante, 2012.
LISSOVSKY, Maurício. **Dez proposições acerca do futuro da fotografia.** FACOM Revista da Faculdade de Comunicação e Marketing da FAAP. São Paulo, n. 23, p. 1-14, 2011.

JASTROW, Karla Rogge; OLIVEIRA, Uilliam Trindade; SOUZA, Flávio Caetano de. **Desenho em fotografia.** Trabalho de Prática da Arte no Ensino Médio. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. Disponível em: <http://web2.ufes.br/arteeducadores/relatos/medio_2008_2/m8_2_010.pdf>. Acesso em: 26 jul 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **Estamos cansados de tantas novidades.** Zero Hora online, 2014. Disponível em < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/09/estamos-cansados-de-tantas-novidades-afirma-o-filosofo-gilles-lipovetsky-4603364.html>

MONFORTE, Luiz Guimarães. **Fotografia Pensante.** São Paulo: SENAC, 1997.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Tecnologias contemporâneas e o ensino de arte.** In: BARBOSA, Ana Mae. (org.) **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte.** São Paulo: Cortez, 2002.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Ensino de Artes.** Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

RANGEL, Susana. **Questionamentos de uma professora de artes sobre o ensino de arte na contemporaneidade.**
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193651/001090426.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre o documento e a arte contemporânea**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

SCHEFFER, Jean Marie. **A Imagem precária**. Campinas: Papirus Editora, 1996.

VOSS, Renata. < <https://www.sescalagoas.com.br/2018/04/sesc-alagoas-recebe-exposicao-ruir-da-artista-renata-voss>> Acesso em 26 de maio de 2019>

REFERÊNCIA DAS IMAGENS:

Albert Southwort

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Southworth,_Albert_\(1811%E2%80%931894\)_-_Male_portrait_1848.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Southworth,_Albert_(1811%E2%80%931894)_-_Male_portrait_1848.jpg) <acesso em 25 de dez. 2019.>

Andrea Brächer

Fonte:<<http://www.babilonica.com/copia-angela-zaffari>> Acesso em 26 de Maio de 2019.

Anna Atkins

Fonte: (<https://www.nytimes.com/2018/11/15/arts/design/she-needed-no-camera-to-make-the-first-book-of-photographs.html>> acesso 22 de maio de 2019>)

Jeffrey Apoian

Fonte:<https://ww1.prweb.com/prfiles/2014/09/03/12140587/float_apoian_cyano_type-show-hyrda-greece.jpg> acesso em 23 de Maio de 2019.

László Moholy-Nagy, 1940.

Disponível em: <https://www.artic.edu/artworks/29276/untitled> <Acesso em 16/05/2019.>

Renata Voss

Fonte:<https://wesleylemos.wordpress.com/2014/07/25/renata-voss-na-galeria-jenner-agosto/> acesso em 26 de Maio de 2019.

Robert Cornelius

<https://publicdomainreview.org/collection/robert-cornelius-self-portrait-the-first-ever-selfie-1839>. <acesso em 25 de dez. 2019.>

Saria Hamaamin

<http://www.resumofotografico.com/2017/04/seriam-as-selfies-arte-esta-nova-exposicao-diz-que-sim.html>. <acesso em 25 de dez 2019>

Tadao Cem

<http://www.resumofotografico.com/2017/04/seriam-as-selfies-arte-esta-nova-exposicao-diz-que-sim.html>. <acesso em 25 de dez 2019>

William Fox Henry Talbot

Disponível em: <https://www.gettyimages.ae/detail/news-photo/photograph-by-william-henry-fox-talbot-talbot-was-a-news-photo/90755873> > acesso em 16/05/2019.

Wu Chi-Tsung

Fonte:<<http://wuchitsung.com/archives/121>> acesso em: 22 de Maio de 2019.

APÊNDICE

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes

Nome: Ester Miriane Zingano
Disciplina: Estágio III
Turma U
Professor: Paola Zordan

Dados da turma:
Escola: Colégio Estadual Protásio Alves
Turma: 1º ano do Ensino Médio
Disciplina: Artes Visuais
Duração das Aulas: 8 períodos de 50min
Duração do Projeto: 3 semanas

PROJETO DE ENSINO

TEMA: Da *Selfie* ao autorretrato, a fotografia numa retrospectiva através do tempo.

Objetivo Geral:

Possibilitar com o tema: “Da *Selfie* ao autorretrato, a fotografia numa retrospectiva através do tempo”, que os alunos percorram trajetórias de aprendizagem que propiciem o desenvolvimento de potencialidades como percepção, observação, imaginação, sensibilidade e senso crítico. Por meio do aprendizado das técnicas antigas de fotografia proporcionar que o aluno seja capaz de elaborar um conhecimento significativo ao produzir imagens, assim como preservar a autoimagem de forma mais criteriosa. E através do exercício do fazer consigam ter uma visão crítica sobre o que se vê e o que se produz.

Justificativa

A ideia do projeto surgiu a partir das observações feitas nas turmas e ao perceber que o uso do celular acontece de forma constante, seja para a produção de *selfies*, *memes* ou para acessar as redes sociais.

A partir desse fato surgiram indagações: Porque esse fascínio pela selfie? São meios de construir uma identidade? A *selfie* nos aproxima ou nos afasta da nossa imagem? Será que esses alunos têm conhecimento da diferença das *Selfies* e autorretratos?

E pensando sobre a fotografia, com essa proliferação de celulares e com recursos fotográficos amplamente utilizados, será que esses alunos têm o entendimento que fotografia é arte? Como se deu seu surgimento? Será que eles têm conhecimento dos antigos processos fotográficos?

Esses questionamentos juntamente com a inquietação em constatar como os alunos expõem suas imagens despreocupadamente através das *selfies e memes*, e por acreditar que a prática artística contribui com o crescimento pessoal, social e cultural dos alunos acabaram por impulsionar-me a pensar nesse projeto.

Existe uma proliferação desmedida de imagens incentivadas pelas redes sociais, bem como pelas especificidades dos aparatos tecnológicos contemporâneos. As novas tecnologias fazem com que os jovens mantenham um contato estreito com o universo fotográfico, porém não da forma que ocorria nos tempos analógicos. Dessa forma, aprender sobre fotografia permite um amplo conhecimento, não apenas em artes, mas em outras várias áreas do saber.

A escolha por trabalhar com o fotograma e a Cianotipia, entra como um meio, e se dá por serem processos antigos, pouco conhecidos, onde se obtêm as imagens fotográficas sem o uso de câmeras. Consiste na tiragem de imagens, por negativo fotográfico ou objetos, em contato com papéis sensibilizados por químicos (solução de sais de ferro como ferricianeto de potássio e citrato férrico amoniacal) reagentes a raios ultravioletas (sol, ou lâmpada). Resultando numa imagem azul da Prússia. Esse processo: pensar na imagem a ser capturada, sensibilizar o papel, expô-lo ao sol, testar o tempo de exposição e lavar o papel. O fotograma em cianotipia possibilitará um diálogo entre materialidade, visualidade e composição, assim como um melhor entendimento acerca da construção de espaço e tempo possíveis.

Portanto, esse projeto visa desenvolver uma abordagem estética, da linguagem visual e dos seus elementos. Criando uma consciência da participação dos alunos como fruidores e construtores da cultura do nosso tempo.

Metodologia

A metodologia do projeto se dará na realização de atividades expositivas, teóricas e práticas. Que envolvam um conhecimento expressivo de fotografia: selfie e autorretrato, fotograma e cianotipa.

Serão apresentados autorretratos de fotógrafos-artistas, para que os alunos se aproximem da história da fotografia e de seus precursores.

Não poderia deixar de ser apresentadas também imagens das *selfies* dos artistas contemporâneos que a usam para que exista um diálogo entre a fotografia e o observador, proporcionando assim um momento reflexivo ao passo que já transmite informações que mexam com a criatividade do aluno.

Experienciando as técnicas de construção da imagem, permitindo que os alunos compreendam que existem diversas formas de criar imagens fotográficas sem o uso de câmera, a partir de materiais simples do cotidiano, como objetos opacos, flores e folhas de árvores e desta forma alargar o conhecimento no campo da fotografia, o aprendizado pela prática e a reflexão sobre as imagens e seus processos de criação.

O desfecho do projeto acontece com uma mostra das imagens obtidas através da experimentação dos processos das práticas e, também, uma reflexão sobre os conhecimentos adquiridos neste processo de pensar a imagem e sua exposição.

Avaliação

O aluno será avaliado durante todo o processo do projeto, através das produções das atividades individuais e em grupos, assim como seu envolvimento e participação nas propostas apresentadas.

Serão considerados: o cumprimento dos prazos, a originalidade e a participação na montagem final dos trabalhos práticos.

Aula 1 – (2 períodos de 50 min)

- **Conteúdos:** *Selfie* e Autorretrato, linguagens e gêneros audiovisuais, interpretação de obras.

Objetivos

- Definir conceito de *selfie* e autorretrato;
- Refletir sobre identidade e autorretrato;
- Apresentar trabalhos de fotógrafos que fizeram autorretrato ao longo da história da arte.
- Apresentar artistas visuais e suas produções que usam a *selfie* como expressão artística;
- Exercitar a interpretação das obras;

- Produzir um autorretrato;

Materiais

Imagens digitalizadas das fotografias dos profissionais: Félix Nadar, Ansel Adams, Robert Doisneau, Man Ray, Jagoda Turk (Croácia), Francesca Ricciardi (Itália), Henriette Gasteren (Países Baixos), etc. Folhas de tamanho e gramaturas diferentes, lápis grafite, câmeras de celular.

Desenvolvimento

Apresentar a proposta do dia e iniciar um debate questionado o grupo com as seguintes perguntas:

- O que sabem sobre fotografia?
- Vocês têm o hábito de fotografar?
- Como costumam realizar esta fotografia?
- O ato de fotografar é espontâneo ou planejado?
- Gostam dos resultados obtido? Por quê?

Logo se proporá um debate sobre a história da fotografia, seus conceitos e técnicas, e alguns artistas que trabalharam com autorretrato ao longo da história.

Explicar a diferença entre autorretrato e *self*, assim como definir identidade.

Em seguida, serão apresentados alguns artistas que usaram o autorretrato na pintura e os primeiros autorretratos em fotografia, e da mesma forma como artistas utilizaram dessa manobra, e ainda contemporâneos que usam a *selfie* como expressão artística e suas obras.

Por fim, os alunos serão desafiados a realizarem seus autorretratos, usando as câmeras de seus celulares, inspirados nas obras dos artistas discutidos anteriormente em sala de aula.

Como tarefa para casa, os alunos deverão enviar as fotos para a professora por e-mail, ou rede social.

Avaliação

A avaliação é processual e se dará por meio de participação e envolvimento na proposta da atividade e levará em consideração a produção pessoal de cada aluno no seu autorretrato, devendo assim seguir os critérios solicitados para realização da mesma.

Aula 2 – (2 períodos de 50 min)

Conteúdos: Técnicas e gêneros da fotografia e sua evolução.

Objetivos

- Apresentar as diferentes técnicas existentes na fotografia digital;
- Definir conceitos dos diferentes gêneros da fotografia;
- Conhecer artistas que trabalham com edição fotográfica digital;
- Criar uma fotomontagem através de recorte e colagem;

Materiais

Imagens ilustrativas sobre o conteúdo, revistas, cola, tesouras.

Desenvolvimento

Será revisado o conteúdo da aula anterior e apresentada as produções de cada aluno.

A proposta dessa aula começa com a apresentação de ilustrações e reproduções de trabalhos feitos com Arte Digital. Serão feitos exercícios para identificar os gêneros da fotografia.

Os alunos se dividirão em grupos de 5 a 6 componentes e cada grupo recebe uma imagem, onde deverão identificar as características presentes naquele gênero fotográfico e apresentar os resultados encontrados para a turma.

Neste momento a professora vai classificando o gênero e explicando suas características para todos.

Realizada esta dinâmica, os alunos observarão obras de artistas que trabalham com a fotografia digital e edição de imagens.

Após esta apresentação, os alunos serão convidados, como atividade final, a produzir uma fotomontagem inspirados nos artistas que conheceram no debate realizado anteriormente.

Avaliação

A avaliação é processual e se dará por meio de participação e envolvimento na proposta da atividade e levará em consideração a produção pessoal de cada aluno na sua fotomontagem, devendo assim seguir os critérios solicitados para realização da mesma.

Aula 3 – (2 períodos de 50 min)

Conteúdos: Técnicas e gêneros da fotografia analógica e sua evolução, fotomontagem.

Objetivos:

- Apresentar as diferentes técnicas existentes na fotografia analógica;
- Definir conceitos dos diferentes gêneros da fotografia;
- Conhecer a produção de artistas/fotógrafos modernos e contemporâneos.
- Conhecer artistas que trabalham com montagem fotográfica analógica
- Criar uma fotomontagem com imagens retiradas de revistas e desenho;

Materiais:

Imagens ilustrativas sobre o conteúdo, projetor, revistas, tesouras, cola, lápis e papéis de variados tamanhos;

Desenvolvimento:

Iniciar a aula revisando os conteúdos trabalhados na aula passada e apresentar as imagens feitas por eles na aula anterior.

Será apresentada a proposta da aula usando slides com as técnicas da fotografia analógica e as possibilidades de fotomontagem.

Após explanação sobre fotografia analógica e suas técnicas, os alunos receberão um kit de imagens e deverão separá-las e identificá-las como analógicas ou digitais e de acordo com o conhecimento obtido.

Ao final do exercício, cada grupo socializará seus resultados e conferirão suas respostas com a professora, que será responsável por corrigir quando algo não estiver coerente.

Feita esta tarefa, os alunos iniciarão a atividade de colagem com revistas. Nesta tarefa cada aluno deverá criar uma fotomontagem inspirada nos

trabalhos dos artistas apresentados no início da aula, podendo usar a colagem, ou a interferência com o desenho. Ao final, serão recolhidos os trabalhos produzidos em aula.

Avaliação

A avaliação é processual e se dará por meio de participação e envolvimento na proposta da atividade e levará em consideração a produção pessoal de cada aluno na sua colagem/fotomontagem, devendo assim seguir os critérios solicitados para realização da mesma.

Aula 4 – (2 períodos de 50 min)

Conteúdos: Ilustração fotográfica, composição e criação, Fotografia Artística e Documental.

Objetivos

- Aplicar os princípios básicos de composição visual aprendidos na obtenção das imagens fotográficas;
- Reconhecer e valorizar a importância da fotografia como linguagem documental e artística.
- Desenvolver exercícios de fotografia artística e exercitar a composição para fotomontagem.
- Compartilhar experiências adquiridas.

Materiais

Lâminas de retroprojeter, caneta permanente, câmera digital ou de celular, computador e projetor.

Desenvolvimento

Iniciar a atividade revisando os conhecimentos aprendidos na aula anterior. Reforçar os conceitos da linguagem visual na fotografia por meio de leitura de imagens.

Apresentar por meio de slides as diferenças entre fotografia artística e fotografia documental. Debater sobre sua importância e preservação.

Apresentar o material para a produção da atividade, explicando seu uso e aplicação. Entregar os materiais e solicitar que os alunos produzam interferências visuais que deverão compor nas suas fotografias. Essas interferências deverão ser desenhos feitos por eles nas lâminas de

retroprojektor com as canetas permanentes. Os desenhos serão sobrepostos à fotografia, compondo assim, uma nova imagem combinando desenho e foto.

Após o exercício, os alunos discutirão suas percepções e dificuldades encontradas, apresentarão as soluções usadas para superar essas dificuldades. Ficará de tarefa de casa o envio das fotos para o e-mail da professora.

Avaliação

A avaliação é processual e se dará por meio de participação e envolvimento na proposta da atividade e levará em consideração a experiência pessoal de cada aluno no exercício com as lâminas e suas fotografias artísticas, devendo assim seguir os critérios solicitados para realização da mesma.

Observação: solicitar aos alunos que tragam pequenos objetos com transparência, como rendas, folhas de árvores, etc.

Aula 5 – (2 períodos de 50 min)

Conteúdos: Processos alternativos de fotografia, histórico e técnicas;

Objetivos

- Apresentar as diferentes técnicas alternativas (artesanais) mais conhecidas;
- Compreender os processos artesanais da fotografia;
- Conhecer as possibilidades de obtenção de um “negativo”
- Pensar e criar possibilidades para a prática do fotograma em cianótipo;

Materiais

Impressões das fotografias de autorretrato feitas pelos alunos na primeira aula. Ilustrações e fotos realizadas com a técnica de fotograma e cianotipia. Imagens ilustrativas sobre o conteúdo, projetor, materiais variados como rendas, folhas, lâminas de retroprojektor, transparências, etc.

Desenvolvimento

Iniciar a atividade revisando os conhecimentos aprendidos nas aulas anteriores.

Apresentar a proposta do dia, por meio de imagens impressas, explicando as diferentes técnicas alternativas da fotografia mais usadas e conhecidas. Explicar os procedimentos usados nas técnicas mostrando os materiais e recursos necessários para aplicação das mesmas.

Após a explanação sobre as técnicas e procedimentos, refletir sobre o conceito de negativo e suas possibilidades de aplicação na fotografia artesanal. Logo desenvolver exercícios de composição para o negativo em fotograma, compondo imagens com objetos, rendas, folhas, sementes entre outros. Neste exercício o aluno deve estudar visualmente possíveis composições com estes elementos, montando-os sobre uma folha branca e fotografando sua composição para posteriormente analisá-las e escolher a melhor imagem.

Realizada esta tarefa, os alunos receberão uma lâmina de retro-projetor e uma caneta permanente para produzirem o negativo que será usado na aula seguinte. Neste exercício os alunos retomam a atividade com o autorretrato, realizado na primeira aula.

Cada aluno receberá seu autorretrato impresso, e será convidado a criar um desenho na lâmina usando sua imagem mais uma interferência sobre seu retrato. Ao final do exercício, os alunos entregarão as lâminas desenhadas para a professora para serem usadas na aula seguinte.

Observação: Solicitar aos alunos que tragam um porta-retrato para a próxima aula.

Avaliação

A avaliação é processual e se dará por meio de participação e envolvimento na proposta da atividade e levará em consideração a experiência pessoal de cada aluno no exercício de criação do negativo para fotograma e na produção de seu autorretrato na lâmina, devendo assim seguir os critérios solicitados para realização da mesma.

Aula 6 - (2 períodos de 50 min)

Conteúdos: Processos alternativos, fotograma, autorretrato, cianotipia.

Objetivos

- Apresentar a técnica da cianotipia;
- Desenvolver e aplicar a técnica;

Materiais:

Lâminas desenhadas pelos alunos na aula anterior. Folhas, sementes, retalhos de renda, objetos pequenos; papéis sensibilizados para a cianotipia no tamanho 15x21 cm; bacias para lavar os papéis; água, porta-retrato.

Desenvolvimento

Iniciar a aula com a revisão das atividades realizadas na aula passada e entregar as imagens realizadas por eles nas lâminas.

Introduzir o trabalho do dia usando slides e imagens para ilustrar as técnicas a serem estudadas.

Orientar a execução da atividade de fotograma e do cianótipo, deslocando os alunos para o pátio da escola, levando sua lâmina e os objetos solicitados na aula anterior para produzirem suas fotografias com o cianótipos.

No pátio será entregue o papel sensibilizado para a realização da técnica de cianotipia e fotograma. Os alunos colocarão o papel sensibilizado com os químicos nos porta-retratos trazidos e farão a experiência do fotograma, colocando pequenos objetos sob ele.

Após essa primeira experiência, usarão as lâminas de retro-projetor com seus "autorretratos" criados anteriormente para a tiragem de mais uma imagem. Nesse processo os alunos serão orientados pela professora sobre o tempo de exposição aos raios ultravioletas, assim com o cuidado necessário para a "lavagem" do papel sensibilizado.

Ao final da tarefa, a professora recolherá todos os trabalhos produzidos.

Avaliação

A avaliação é processual e se dará por meio de participação e envolvimento na proposta da atividade e levará em consideração a experiência pessoal de cada aluno no exercício de criação do fotograma e do cianótipo, devendo assim seguir os critérios solicitados para realização da mesma.

Aula 7 – (2 períodos de 50 min)

Conteúdos: Fotografia x redes sociais; O poder da imagem e sua exposição;

Objetivos:

- Debater sobre as formas de montagem de uma exposição;
- Refletir sobre o poder da imagem e sua influência na sociedade e na vida das pessoas;
- Propor novos olhares sobre a *selfie* e a auto exposição;

Materiais

Trabalhos realizados durante as aulas 5 e 6. Barbante, fita adesiva, papel pardo, papel cartaz colorido, tesoura e cola;

Desenvolvimento

Iniciar a aula retomando as atividades das aulas 1 a 7. Debater sobre os conhecimentos adquiridos e sobre as dificuldades encontradas.

Abrir espaço para as colocações e percepções dos alunos sobre como eles viam a fotografia antes de trabalhar seus conceitos e técnicas e como percebem agora.

Após este diálogo, desafie-os a montar uma exposição na sala de aula com seus trabalhos. Nesta tarefa, os alunos montarão a exposição conforme desejarem.

Quando concluírem a montagem, a professora iniciará um debate sobre diferentes formas de expor, analisando a leitura produzida por eles e propondo que pensem outra forma de expor.

Após a reflexão sobre como expor, discutiremos também a forma de como se expor, e o porquê da importância de preservar nossa identidade nas redes sociais.

Os alunos em duplas escreverão um pequeno texto, descrito em uma folha, sobre a percepção adquirida sobre as selfies e se de alguma forma esse projeto os fez pensar mais sobre o uso de sua imagem. O mesmo será entregue ao final da aula para a professora.

Avaliação

A avaliação é processual e se dará por meio de participação e envolvimento na proposta da atividade e levará em consideração a experiência

peçoal de cada aluno no exercício de montagem da exposiçãõ, devendo assim seguir os critériõs solicitados para realizaçãõ da mesma.

Serãõ considerados: o cumprimento dos prazos, a criatividade e a participaçãõ na montagem final dos trabalhos práticos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudançãs no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2011.

HERNANDEZ, F. **Pesquisa com imagens, pesquisa sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual**. In: MARTINS, R. ; TOURINHO, I. **Processos e práticas de pesquisa em Cultura visual e Eduaçãõ**. Santa Maria: Editora da UFSM, p. 77-95, 2013.